

## **Couço, luta contra o trabalho de sol a sol e pela aplicação da jornada das 8 horas**

### **1) Couço**

O Couço localiza-se no concelho de Coruche, no limite sul do distrito de Santarém. É uma freguesia extensa, na região irrigada do vale do Sorraia, em que predomina a grande propriedade. Ao longo do século XX, registou uma memória de luta por adequadas condições de vida e trabalho, desde os tempos anteriores à República, passando pelos anos do fascismo, até à Reforma Agrária. A partir do início dos anos 1940, os militantes do Partido Comunista Português tiveram grande preponderância nessas lutas. A resistência endémica conheceu ali momentos repressivos fortes em 1933 (com onze homens presos pela GNR na praça de jorna), 1941, 1947, 1951, e um especial impacte entre 1958 e 1962. A candidatura à presidência da República do general Humberto Delgado, precedida no Couço pelo envolvimento na de Arlindo Vicente, ficou marcada por uma sessão de esclarecimento no dia 6 de junho de 1958, dois dias antes das eleições. O candidato oposicionista venceu na secção de voto local, mas a fraude a nível nacional dá a vitória ao candidato do regime. A partir de 23 de junho de 1958, teve grande adesão uma greve de protesto pela fraude eleitoral. Acarretou um grande conjunto de prisões, com triagens sucessivas levadas a cabo pela GNR e pela PIDE no Couço, em Coruche e em Lisboa. Em 1959, 1960 e 1961, a PIDE prendeu de novo trabalhadores rurais coucenses, após várias paralisações para conseguir aumento de salário, concentrações em frente da Casa do Povo a exigir trabalho, e lutas de mulheres pelo emprego e o direito a votar.

### **2) Conjuntura**

Os anos entre 1958 e 1962 ficaram marcados na memória dos habitantes do Couço por episódios entre o épico e o trágico. Estão assinalados ao nível do país por um conjunto de acontecimentos que se avolumam e desgastam o regime, desde a revolta da Sé, em março de 1959, ao caso do assalto ao Santa Maria, em Janeiro de 1961, a que se junta o início da guerra colonial, a tentativa de golpe de Botelho Moniz, o ataque pela União Indiana aos territórios da Índia, com a rendição de Vassalo e Silva. O ano de 1962 começa com o assalto ao quartel de Beja, a que se seguem manifestações no 31 de Janeiro, no Porto. Após a proibição das comemorações do Dia do Estudante, desenvolve-se a crise académica e desencadeiam-se manifestações em vários pontos do país no 1º de Maio. Os estudantes juntar-se-ão nas prisões com os trabalhadores rurais então detidos.

### **3. Trabalhar de sol a sol e empreitadas**

*“Aquilo era tudo espalhado, ou a quatro e quatro ou a cinco e cinco mulheres, outras eram três. Aí, cada uma de nós juntava-se a quem quisesse, mais de cinco é que já não deixavam. Chegávamos a pontos em que umas acabavam às três horas, era a tática, a uns grupos davam mais pequenos, a outros grupos já davam talhões maiores. A tática da exploração. Este grupo que acabou às três horas ia ajudar outros, e iam sempre ajudando. Muitas vezes, eram cinco horas e nós dentro dos canteiros. Duas vezes sucedeu: seis horas da tarde e nós dentro dos canteiros. Mas havia coragem! Não eram todas, mas havia coragem. Lembro-me tão bem, nós andávamos ali na direção do largo 1º de Maio mas dentro da terra de arroz, e passou a camioneta de carreira. A camioneta de carreira era branquinha, chamávamos-lhe «a noiva», e grita uma assim: «Ó senhor Tiago (...) lá vai a noiva, são seis horas!» Faz logo outra assim lá de dentro de um canteiro (...): «Isto aqui não há mais nada a ver. Despeguemos à maltesa! Ninguém despega a gente? Ai não? A gente já não é hora para andar dentro dos canteiros. Desde o nascer do sol aqui a trabalhar e não despegam a gente! Dão empreitadas tão grandes que a gente não consegue e vamos embora!» Atrás dessas duas ou três mulheres foi o rancho todo, abalámos todas. Ele, depois no outro dia ralhou, elas saltaram-se, que não era assim que se traziam ali mulheres sacrificadas desde o nascer até às seis horas da tarde, isto mês de Junho e Julho, que era as mondas.*

Maria Rosa Viseu, trabalhadora rural (1935 – 2014), entrevista de 1994

#### **4) Preparação da luta pelas 8 horas e prisões “preventivas” no Couço**

A preparação da greve contra o trabalho de sol a sol e pela aplicação da jornada das 8 horas, envolveu reuniões clandestinas prévias na Serra da Burra, pescarias no Sorraia e um piquenique na Ponte Caleira, em 1 de Maio de 1962. As pescarias e os piqueniques juntavam em confraternização os habitantes vindos dos montes e da aldeia, em grupos familiares extensos, com vizinhos e amigos

*“Quando chegou o dito 1962, que foi quando foi mesmo a luta para as 8 horas, nós chegámos a fazer reuniões clandestinas com centenas largas já de trabalhadores do Couço. Às vezes íamos para lá mascarados, quando de lá saíamos ninguém sabia que a gente lá tinha estado. Isto até faz a gente chorar. Porque era muita gente, e não interessava saber quem é que lá tinha estado.*

*Chegámos a fazer cercos desse cabeço da Serra da Burra, deixávamos vigias nesse cabeço, para ver quem lá ia aparecer.”*

Joaquim Canejo, trabalhador rural, nascido em 1933; entrevista de 1994.

Alertada pela preparação da greve, a PIDE prendeu quinze pessoas, na madrugada de 27 de abril de 1962. Entre espancamentos e insultos, a brigada da PIDE, com o auxílio da GNR, encaminhou-as para perto do matadouro local, nas imediações da povoação, a partir dos vários lugares da freguesia. Um sangrava, a outro não permitiram que se calçasse. Cinco destes presos são mulheres. Duas delas têm os maridos a cumprir pena em Caxias pela segunda vez, e outras duas vão acompanhadas pelos respetivos cônjuges. Um destes casais leva uma criança. A quinta mulher era filha de alguém que já sofrera a prisão, em 1933.

#### **5) Lista de presos de 27 de abril de 1962**

- José Nogueira dos Reis, casado, comerciante, nascido em Porto Velho, Montargil, em 1916;
- Joaquim Basílio, casado, comerciante, nascido no Couço em 1926;
- António Joaquim dos Santos, «O António Gafanis», casado, trabalhador rural, nascido em 1903 em Santana do Mato/Coruche
- Maria Guilhermina Ferreira Galveias, «a Maria Galveias», casada, camponesa, nascida em 1935 na herdade de Águas Belinhas/Couço;
- Maria da Conceição Figueiredo, padeira, casada, nascida em 1925 no Couço;
- Maria Madalena Henrique, solteira, doméstica, nascida em 1925
- António Inácio Caetano, casado, trabalhador rural, natural da Sanguinheira/Couço, nascido em 1939, analfabeto;
- António Joaquim Martiliano, «O António Lagriminhas», casado, trabalhador agrícola, nascido em Montargil/Ponte de Sor em 1902, analfabeto;
- João Pedro, «O João Marrafa», casado, trabalhador rural, nascido em Coruche em 1922, sabe ler e escrever;
- Joaquim Henrique Rodrigues, «O Pisca-o-Olho», solteiro, negociante de cereais, nascido no Couço em 1942, com o 2º grau;
- Pedro António Caetano, solteiro, trabalhador rural, nascido em Águas Belinhas/ Couço em 1934, residente no Monte do Gato e analfabeto
- Maria Custódia Chibante, casada, doméstica, nascida em 1933 no Couço;

- Olímpia Ribeiro da Silva Brás, casada, doméstica, nascida em 1929 no Couço;
- Joaquim Galvão, casado, trabalhador rural, nascido em 1924 em Alegreto/Couço;
- Manuel António, «O Manuel João», casado, trabalhador rural, nascido em 1922 no Monte do Pinhal/Couço;
- Manuel Gil Nunes, casado, trabalhador rural, nascido em 1922 no Couço (preso três meses mais tarde)

À exceção dos comerciantes detidos (Joaquim Basílio e José Nogueira dos Reis), todos seriam sujeitos a violentas torturas.

## **6. Oito horas para trabalhar, oito horas para descansar, oito horas para fruir**

A fixação do horário agrícola em 8 horas de trabalho terá sido conseguida no Couço em 12 de Maio de 1962.

*“A luta das oito horas foi uma luta muito grande e que começou mesmo em 58. (...) A luta das oito horas é muito engraçada. A luta das oito horas começou em 1947. Um capitalista aqui de Mora, aqui nas Faias, quis dar as 8 horas, e o povo não quis. Mas depois quando o partido pedia as oito horas, achava que a gente devia ir à conquista das oito horas, falávamos com os trabalhadores e dizíamos: “Se vocês trabalharem as 8 horas, trabalham sempre oito horas, e portanto o ordenado é sempre o mesmo». «Ah, mas a gente no Verão não faz oito horas». «Mas vocês de Inverno não têm trabalho. Não fazem oito horas, mas não têm trabalho. Se vocês no Verão é que têm mais trabalho, portanto vocês devem lutar pelas oito horas, e se tiverem que trabalhar no inverno, ganham o mesmo que no verão, porque não podem dizer que ganham menos de Inverno, porque ganham sempre oito horas. Vocês agora lutam pelo horário de Verão, e se for no Inverno dizem-vos que agora é Inverno e não se pode pagar tanto. E vocês lutam pelas oito horas.». «Então, mas a gente não aguenta oito horas a trabalhar». «Aguentam, então não hão-de aguentar? Então os operários não aguentam oito horas? Os trabalhadores do campo são operários à mesma. Portanto, vocês despegam às cinco horas. Podem ir para as hortas, ou podem ir para a taberna. É como vocês quiserem, isso agora é à vossa vontade. Portanto, vocês, desde as cinco horas, vocês são livres.»”*

Arenato Brás, peixeiro (1925-2015); entrevista de 1994)

*“Porque depois as 8 horas não eram só as horas. Pronto, conseguiu-se as 8 horas, mas depois, no terreno, quem é que as queria dar? Os próprios patrões não davam ordem para despegar. Sim, senhora, já se conseguiu as 8 horas, e agora para despegar? «Ainda está sol». Então ao sábado, como é, vai-se trabalhar ou não se vai trabalhar? Já se fez as 45 horas... «Mas se não vierem ao sábado eu não pago». Era outra luta, se as 8 horas incluía o sábado. Não incluir os sábado só veio quase ao 25 de Abril! 8 horas, sim, e feitas quando? Quando o patrão quisesse? Não, as 8 horas devem ser feitas nos 5 dias, nos 6 dias? A tentação era terem lá os trabalhadores ao sábado.”* Diamantino Ramalho, trabalhador rural e pequeno empresário (1936-2020); entrevista de 1995

## **7) Os longos anos 1960**

*“Estas lutas vieram a ser atenuadas pelos efeitos dum êxodo agrícola de grande amplitude - de 1960 para 1970 o número de assalariados agrícolas baixou de 38% - através nomeadamente da diminuição do desemprego e da subida verificada nos salários.”*

Fernando Oliveira Baptista, *A política agrária do Estado Novo*, Porto, Afrontamento, 1993, p. 390.

A conjuntura também não está de feição, como descreve Pacheco Pereira:

*“Nesses anos, o partido vai conhecer nos campos do Sul um inimigo maior do que a repressão policial: a emigração. Quando a vaga migratória da década de 60 atinge o Alentejo, ela vai mobilizar, como aliás noutras regiões do país, os homens mais activos, menos satisfeitos com as suas condições materiais de vida, com maior capacidade de iniciativa individual, o que significava, em muitos casos, os militantes e simpatizantes locais do PCP. Assim, o partido vê-se a braços com uma sangria de quadros e de elementos de base, que, junto com as deserções provocadas pela guerra, diminuindo o recrutamento da juventude, lhe vão causar sérios problemas nos últimos quinze anos do regime.”*

José Pacheco Pereira, *Conflitos sociais nos campos do sul de Portugal*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1983, p. 168.